

## **LITERATURA E EXISTENCIALISMO EM J.-P. SARTRE: ANÁLISE DO CONTO “EROSTRATO”.** Elis Piera Rosa, Antônio Donizeti Pires. – Inter-áreas – Letras – Departamento de Literatura – Faculdade de Ciências e Letras – Campus Araraquara.

Cientes da fertilidade da confluência entre literatura e filosofia, iniciamos um projeto de análise relevando estes assuntos, embasados na leitura e discussão em grupo de textos filosóficos e literários. Jean-Paul Sartre, enquanto autor que tão bem utilizou os frutos da união literatura-filosofia – trabalhando por toda vida como filósofo, escritor e leitor atento de sua época –, é o objeto de estudo de nosso projeto.

Sartre foi leitor e escritor precoce, ganhou uma máquina de escrever aos dez anos de idade. O filósofo acreditava na escrita como forma de existência, escrever para gravar nesta existência algo de novo, colher vida nas palavras. A escrita literária foi fundamental para Sartre: como filósofo, percebeu que seus textos atingiriam e seriam compreendidos por um público restrito; como autor de obras literárias, sentiu maior proximidade com o leitor, podendo expor-lhe suas idéias e habilitá-lo a pensar e agir.

Em **Que é a literatura?** (1999), Sartre propõe a arte literária como meio de expressão engajado (com a vida cotidiana, com o contexto histórico, por exemplo). E deste modo constrói sua ficção: personagens e situações existenciais vivenciam, em uma realidade concreta, a concepção de homem segundo o filósofo francês.

O texto **O Existencialismo é um humanismo** (1970) foi transcrito de uma palestra que Sartre preparou para rebater as críticas que sua filosofia recebia na época, apresentando o Existencialismo de forma clara e sob perspectiva ética.

Para esclarecer as idéias construídas e expressas de modo literário em seu livro de contos **O muro**, usamos a luz de sua própria filosofia, presente em **O Existencialismo é um humanismo** e em **O ser e o nada** (1997), bem como outros tratados filosóficos que podem complementar a compreensão do Existencialismo, como **O mundo como vontade e representação** (1974), de Arthur Schopenhauer. Nosso projeto busca compreender o ideário de Sartre em sua obra de ficção, e um dos modos de interpretação que teria seu leitor ideal.

Enquanto em suas peças de teatro, Sartre constrói ações constantemente, sua prosa possui personagens e situações menos ativas e mais reflexivas. O conto “Erostrato” exemplifica isto. A história nos é contada por Paul Hilbert, narrador autodiegético pleno de subjetividade – como Sartre também acreditava ser a visão humana – que crê ter um modo de pensar e ver avesso aos homens que o rodeiam: “É preciso ver os homens do alto. (...) Eles não sabem combater este grande inimigo do Humano: a perspectiva de alto para baixo”. (SARTRE, 2005, p. 65) “Eles eram meus inimigos, mas eles não o sabiam” (p.66).

O pensamento de Hilbert é rebelde: ele odeia os homens, seu referencial é ser avesso ao referencial. Em vários momentos sua ação obedece a esse pensamento, criando situações onde trata as pessoas ora com repugnância ora perturbando-as: paga a uma prostituta para se despir e andar pelo quarto e zomba de seu corpo, age com asco e indiferença com os colegas de trabalho, escreve uma carta a escritores populares dizendo que destoa de seus livros e do amor humano que eles pregam. Sua rebeldia toma corpo e referencial quando ouve a história de Erostrato, personagem da Antiguidade: “Ele queria se tornar ilustre e não achou nada melhor que incendiar o templo de Éfeso, uma das sete maravilhas do mundo” (p.73).

O personagem deseja matar homens; contudo, ele age sempre de modo titubeante: “olhava (...) as pessoas e imaginava (...) como cairiam se eu lhes desse um tiro (p.71), (...) eu me via prestes a atirar. (...) Era uma brincadeira muito enervante. (...) Não mataria mulheres. Atiraria (...) na barriga da perna para fazê-las dançar” (p.72). O narrador sente o peso de assumir tal imagem, se angustia em segui-la ou não, se estaria propondo um bom modelo de ação à humanidade: “Ainda não decidira nada”. (Idem)

Se a existência precede a essência e se quisermos existir, construímos a nossa imagem (...).Ao mesmo tempo que construímos a nossa imagem, esta imagem é válida para todos e para toda a nossa época. Assim, a nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, porque ela envolve toda a humanidade. (SARTRE, 1970, p. 219)

Tendo em mente a filosofia sartreana, Hilbert quer impor seu projeto como humano, sua imagem; zomba dos projetos de vida de outras pessoas, convida-as a seguir o dele. A vontade de ação da personagem é matar as pessoas, mas ele vacila: teme ter a imagem não aceita na sociedade, também teme ser anulado com sua inação. Como na vida cotidiana, Hilbert é um homem que hesita na decisão: angustia-se com sua responsabilidade como imagem perante a humanidade, com a necessidade de um grande feito na vida, e com a possibilidade de incompreensão de seu projeto de vida pela sociedade. Envergonha-se de agir, mas também de não agir.

Sartre explana mais claramente sobre este problema em **O ser e o nada**, colocando-o como um esforço de um **eu** para olhar e compreender o **outro** como seu igual.

O outro é o mediador indispensável entre mim e mim mesmo: sinto vergonha de mim *tal como apareço ao outro*. (...) Estou em condições de formular sobre mim um juízo igual ao juízo sobre um objeto, pois é como objeto que apareço ao outro. (...) A vergonha é, por natureza, um *reconhecimento*. Reconheço que *sou* como o outro me vê. (...) Este novo ser que aparece para o outro não reside *no* outro: eu sou responsável por ele, bem como demonstra o sistema educativo que consiste em “envergonhar as crianças” pelo que são. (...) Necessito do outro para captar plenamente todas as estruturas de meu ser. (SARTRE, 1997, p. 290, grifos do autor)

Contudo, tal esforço reflexivo causa a angústia de Hilbert. Aproximamos esta angústia a uma das bases teóricas da filosofia de Sartre - a Fenomenologia -, e a um dos problemas discutidos por ela, o não acesso à mente do outro. O assunto também fora comentado previamente por um dos precursores das tendências filosóficas modernas, Schopenhauer.

[Explica-se] o mundo visível como um fenômeno, sem existência em si, e que somente mediante o que nele se manifesta (**para um, a coisa em si, para outro, a idéia**) possui significado e realidade emprestada; realidade esta porém, verdadeiramente existente, a que, (...) todas as formas daquele fenômeno, mesmo as mais gerais e essenciais, são inteiramente estranhas. (SCHOPENHAUER, 1974, p. 7, grifo nosso)

Mesmo com a sociedade e o olhar do outro como entrave para a sua ação, Hilbert decide sair armado para o *boulevard*, atirar em qualquer passante. Mas novamente seus temores o perturbam: “As pessoas se distanciaram, (...) segui-as (...), mas não tinha mais vontade de atirar nelas. (...) Por que é preciso matar todos esses indivíduos que já estão mortos?” (SARTRE, 2005, p. 80).

Por fim, o momento da ação acontece: o personagem é encarado na rua e se incomoda, atirando a esmo; perseguido pela polícia, ele foge e consegue se esconder no banheiro de um restaurante. Os guardas não arrombam a porta para pegá-lo: “eles não se apressavam, davam-me

tempo para me matar” (p. 82). Daí surge o maior sofrimento de Hilbert: o silêncio prova que não compreenderam seu projeto de vida, que ele não conseguiu transmitir suas idéias, acessar a mente das pessoas. Para a personagem, suicidar-se no momento quando esperavam por isso, seria ter sua imagem diminuída ante as pessoas, anulada. Decide, então, entregar-se para a polícia; viver, igualando-se ao projeto dos outros.

Deste modo quisemos reforçar o conteúdo filosófico na ficção de Sartre, apontar seus indícios. Esta leitura pode ser válida na medida em que o próprio Sartre se declarou como autor que se queria próximo à vida do público e à práxis político-social, com sua literatura e filosofia.

Suas personagens vivenciam efetivamente as dores humanas, próximas ao cotidiano, em embate com o leitor, chamando-o a refletir sobre sua própria vida.

Com o andamento da pesquisa, procuraremos desvendar mais tópicos de sua filosofia em suas obras de ficção.

### **Referências bibliográficas**

SARTRE, J.-P. (1905-1980) **O Existencialismo é um humanismo**. Introdução e tradução de Vergílio Ferreira. Lisboa: Editorial Presença, 1970.

SARTRE, J.-P. **O Existencialismo é um humanismo. A Imaginação. Questão de método**. Introdução de Marilena Chauí. Seleção de textos de José Américo Pessanha. Tradução de Vergílio Ferreira, Luiz Roberto Salinas Fortes, Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores).

SARTRE, J.-P. **O muro**. 20. ed. Tradução de H. Alcântara Silveira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SARTRE, J.-P. **O ser e o nada**. São Paulo: Vozes, 1997.

SARTRE, J.-P. **Que é a literatura?**. 3. ed. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 1999.

SCHOPENHAUER, A. **O mundo como vontade e representação** (III parte). São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Os Pensadores).